



1. PROLEGÔMENOS



“Naqueles dias não havia rei em Israel; porém cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos.” (Juízes 17:6 e 21:25)

O mundo em que vivemos é um mundo marcado pelo relativismo, onde o **certo** e o **errado** nunca foram tão banalizados. Para a maioria das pessoas, os padrões morais e valores sociais ficam a critério de cada um. Por isso, vivemos num mundo altamente **individualista** que prevalece nas relações sociais, educacionais, econômicas, na religião e no trabalho.

A cada dia somos desafiadas a viver de tal maneira que a glória de Deus se manifeste através de nossas vidas, cumprindo assim o propósito de Deus para cada uma de nós.

Todos nós tomamos diariamente dezenas de decisões. Fazemos escolhas, optamos, resolvemos e determinamos aquilo que tem a ver com nossa vida individual; a vida da empresa, da igreja, a vida da nossa família... Enfim, a vida de nossos semelhantes.

Ninguém faz isso no vácuo. Antigamente pensava-se que era possível pronunciar-se sobre um determinado assunto de forma inteiramente objetiva, isto é, isenta de quaisquer pré-concepções ou pré-convicções. Hoje, sabe-se que nem mesmo na área das chamadas “ciências exatas” é possível fazer pesquisa sem sermos influenciados pelo que somos, cremos, desejamos, objetivamos e vivemos.

As decisões que tomamos são invariavelmente influenciadas pelo horizonte do nosso próprio mundo individual e social. Ao elegermos uma determinada solução em detrimento de outra, o fazemos baseados num padrão, num conjunto de valores do que acreditamos ser certo ou errado. É isso que chamamos de ética.

2. ETIMOLOGIA

Segundo o Dicionário Aurélio, “ética é o estudo dos juízos de apreciação que se refere à conduta humana susceptível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal”.

Etimologicamente, ética vem do grego εθος (ethos), e significa originalmente **morada**, seja o **habitat** dos animais, seja a morada do homem, lugar onde ele se sente acolhido e abrigado. O segundo sentido, proveniente deste, é **costume, rito, procedimento, modo** ou **estilo habitual de ser**. Com o tempo, passou a designar qualquer conjunto de princípios ideais da conduta humana, as normas a que devem ajustar-se as relações entre os diversos membros de uma sociedade.

3. DEFINIÇÃO DE ÉTICA

Ética é o conjunto de valores ou padrões pelos quais uma pessoa entende o que é certo ou errado e toma decisões.

Para o **cristão**, a ética pode ser entendida como “um conjunto de regras e condutas, tendo por fundamento a Palavra de Deus”.

Para nós, que temos Jesus Cristo como Senhor e Salvador de nossas vidas, o certo ou o errado devem ter como base a Bíblia Sagrada, considerada como “regra de fé e prática”.

Ética, em seu sentido mais amplo, pode ser definida como a sensibilização da consciência humana por certos valores ou pelo que considera como valor. Esses valores podem ser representados por normas, as quais são relativas e culturais em sua formulação. Infere-se, daí, que existem tantas éticas quantas ideologias, sistemas de pensamento, culturas, interpretações da História, do Homem e do Mundo. Todavia as éticas têm em comum a interpretação do homem e seu destino.

A ética religiosa busca viver os valores baseada em uma interpretação teológica da História. Assim, a ética cristã é a resposta da comunidade cristã a Deus em um determinado momento da História. Essa resposta se fundamenta em uma interpretação da fé. Por isso a vivência concreta dos valores, também na fé cristã, assume características próprias em cada época e em cada cultura, já que cada época tem seus problemas e sensibilidade próprios.

4. ALTERNATIVAS ÉTICAS

Cada um de nós tem uma ética. Cada um de nós, por mais influenciado que seja pelo relativismo e pelo pluralismo de nossos dias, tem um sistema de valores interno que consulta (nem sempre, a julgar pela incoerência de nossas decisões...!) no processo de fazer escolhas. Nem sempre estamos conscientes dos valores que compõem esse sistema, mas eles estão lá, influenciando decisivamente nossas opções.

Os estudiosos desse assunto geralmente agrupam as alternativas éticas de acordo com o seu princípio orientador fundamental. As principais são: humanística, natural e religiosa.

4.1. Éticas humanísticas.

As chamadas éticas humanísticas são aquelas que tomam o ser humano como a medida de todas as coisas, seguindo o conhecido axioma do antigo pensador sofista Protágoras (485-410 a.C.). Ou seja, são aquelas éticas que favorecem escolhas e decisões voltadas para o homem como seu valor maior.

4.1.2. Hedonismo. Esse sistema ensina que o certo é aquilo que é agradável (individualismo). A palavra “hedonismo” vem do grego ἥδον (hedon = prazer). Como movimento filosófico, teve sua origem nos ensinamentos de Epicuro e de seus discípulos, cuja máxima famosa era “comamos e bebamos porque amanhã morreremos”. O epicurismo era um sistema de ética que ensinava, em linhas gerais, que para ter uma vida cheia de sentido e significado, cada indivíduo deveria buscar acima de tudo aquilo que lhe desse prazer ou felicidade. Os hedonistas mais radicais chegavam a ponto de dizer que era inútil tentar adivinhar o que dá prazer ao próximo.

Como consequência de sua ética, os hedonistas se abstinham da vida política e pública, preferiam ficar solteiros, censurando o casamento e a família como obstáculos ao bem maior, que é o prazer individual. Alguns chegavam a defender o suicídio, visto que a morte natural era dolorosa.

Como movimento filosófico, o hedonismo passou, mas certamente a sua doutrina central permanece em nossos dias. Somos todos hedonistas por natureza. Frequentemente somos motivados em nossas decisões pela busca secreta do prazer. A ética natural do homem é o hedonismo. Instintivamente, ele toma decisões e faz escolhas tendo como princípio controlador buscar aquilo que lhe dará maior prazer e felicidade. O individualismo exacerbado e o materialismo moderno são formas atuais de hedonismo.

Muito embora o cristianismo reconheça a legitimidade da busca do prazer e da felicidade individuais, considera a ética hedonista essencialmente egoísta, pois coloca tais coisas como o princípio maior e fundamental da existência humana.

4.1.3. Utilitarismo. Sistema ético que tem como valor máximo o que considera o bem maior para o maior número de pessoas (utilitarismo). Em outras palavras, “o certo é o que for útil”. As decisões são julgadas, não em termos das motivações ou princípios morais envolvidos, mas dos resultados que produzem. Se uma escolha produz felicidade para as pessoas, então é correta. Os principais proponentes da ética utilitarista foram os filósofos ingleses Jeremy Bentham e John Stuart Mill.

A ética utilitarista pode parecer estar alinhada com o ensino cristão de buscarmos o bem das pessoas. Ela chega até a ensinar que cada indivíduo deve sacrificar seu prazer pelo da coletividade (ao contrário do hedonismo). Entretanto, é perigosamente relativista: quem vai determinar o que é o bem da maioria? Os nazistas dizimaram milhões de judeus em nome do bem da humanidade. Antes deles, já era popular o adágio “o fim justifica os meios”. O perigo do utilitarismo é que ele transforma a ética simplesmente num pragmatismo frio e impessoal: decisões certas são aquelas que produzem soluções, resultados e números.

Pessoas influenciadas pelo utilitarismo escolherão soluções simplesmente porque elas funcionam, sem indagar se são corretas ou não. Utilitaristas enfatizam o método em detrimento do conteúdo. Eles querem saber “como” e não “por quê?”.

Talvez um bom exemplo moderno seja o escândalo sexual Clinton/Lewinski. Numa sociedade bastante marcada pelo utilitarismo, como é a americana, é compreensível que as pessoas se dividam quanto a um impeachment do presidente Clinton, visto que sua administração tem produzido excelentes resultados financeiros para o país.

4.1.4. Existencialismo. Ainda podemos mencionar o existencialismo, como exemplo de ética humanística. Defendido em diferentes formas por pensadores como Kierkegaard, Jaspers, Heidegger, Sartre e Simone de Beauvoir, o existencialismo é basicamente pessimista. Existencialistas são céticos quanto a um futuro róseo ou bom para a humanidade; são também relativistas, acreditando que o certo e o errado são relativos à perspectiva do indivíduo e que não existem valores morais ou espirituais absolutos. Para eles, o certo é ter uma experiência, é agir – o errado é vegetar, ficar inerte.

Sartre, um dos mais famosos existencialistas, disse: “O mundo é absurdo e ridículo. Tentamos nos autenticar por um ato da vontade em qualquer direção”. Pessoas influenciadas pelo existencialismo tentarão viver a vida com toda intensidade, e tomarão decisões que levem a esse desiderato. Aldous Huxley, por exemplo, defendeu o uso de drogas, já que as mesmas produzem experiências acima da percepção normal. Da mesma forma, pode-se defender o homossexualismo e o adultério.

O existencialismo é o sistema ético dominante em nossa sociedade moderna. Sua influência percebe-se em todo lugar. A sociedade atual tende a validar eticamente atitudes tomadas com base na experiência individual. Por exemplo, um homem que não é feliz em seu casamento e tem um romance com outra mulher com quem se sente bem, geralmente recebe a compreensão e a tolerância da sociedade.

4.2. Ética natural.

Esse nome é geralmente dado ao sistema ético que toma como base o processo e as leis da natureza. O certo é o natural — a natureza nos dá o padrão a ser seguido. A natureza, numa primeira observação, ensina que somente os mais aptos sobrevivem e que os fracos, doentes, velhos e debilitados tendem a cair e a desaparecer à medida que a natureza evolui. Logo, tudo que contribuir para a seleção do mais forte e a sobrevivência do mais apto, é certo e bom; e tudo o que dificultar é errado e mau.

Por incrível que possa parecer, essa ética teve defensores como Trasímaco (sofista, contemporâneo de Sócrates), Maquiavel, e o Marquês de Sade. Modernamente, Nietzsche e alguns deterministas biológicos, como Herbert Spencer e Julian Huxley.

A ética naturalística tem alguns pressupostos acerca do homem e da natureza baseados na teoria da evolução: (1) a natureza e o homem são produtos da evolução; (2) a seleção natural é boa e certa.

Nietzsche considerava como virtudes reais a severidade, o egoísmo e a agressividade; vícios seriam o amor, a humildade e a piedade.

Pode-se perceber a influência da ética naturalística claramente na sociedade moderna. A tendência de legitimar a eliminação dos menos aptos se observa nas tentativas de legalizar o aborto e a eutanásia em quaisquer circunstâncias. Os nazistas eliminaram doentes mentais e esterilizaram os “inaptos” biologicamente. Sade defendia a exploração dos mais fracos (mulheres, em especial). Nazistas defenderam o conceito da raça branca germânica como uma raça dominadora, justificando assim a eliminação dos judeus e de outros grupos. Ainda hoje encontramos pichações feitas por neo-nazistas nos muros de São Paulo contra negros, nordestinos e pobres. Conscientemente ou não, pessoas assim seguem a ética naturalística da sobrevivência dos mais aptos e da destruição dos mais fracos.

Os cristãos entendem que uma ética baseada na natureza jamais poderá ser legítima, visto que a natureza e o homem se encontram hoje radicalmente desvirtuados como resultado do afastamento da humanidade do seu Criador. A natureza como a temos hoje se afasta do estado original em que foi criada. Não pode servir como um sistema de valores para a conduta dos homens.

4.3. Éticas religiosas.

São aqueles sistemas de valores que procuram na divindade (Deus ou deuses) o motivo maior de suas ações e decisões. Nesses sistemas existe uma relação inseparável entre ética e religião. O juiz maior das questões éticas é o que a divindade diz sobre o assunto. Evidentemente, o conceito de Deus que cada um desse sistema mantém, acabará por influenciar decisivamente o código ético e o comportamento a ser seguido.

Como cristãos entendemos que éticas baseadas no homem e na natureza são inadequadas porque:

- a) Não oferecem base bíblica para justificar a misericórdia, o perdão e o amor;
- b) Estão em constante mudança e não tem como oferecer paradigma duradouro.

5. ÉTICA RELIGIOSA NÃO CRISTÃ

No mundo grego antigo os deuses foram concebidos (especialmente nas obras de Homero) como similares aos homens, com paixões e desejos bem humanos e sem muitos padrões morais (muito embora essa concepção tenha recebido muitas críticas de filósofos importantes da época). Além de dominarem forças da natureza, o que tornava os deuses distintos dos homens é que esses últimos eram mortais. Não é de admirar que a religião grega clássica não impunha demandas e restrições ao comportamento de seus adeptos, a não ser por grupos ascéticos que seguiam severas dietas religiosas buscando a purificação.

O conceito hindú de não matar as vacas vem de uma crença do período védico que associa as mesmas a algumas divindades do hinduísmo, especialmente Krishna. O culto a esse deus tem elementos pastoris e rurais.

O que pensamos acerca de Deus irá certamente influenciar nosso sistema interno de valores bem como o processo decisório que enfrentamos todos os dias. Isso vale também para ateus e agnósticos. O seu sistema de valores já parte do pressuposto de que Deus não existe. E esse pressuposto inevitavelmente irá influenciar suas decisões e seu sistema de valores.

É muito comum na sociedade moderna o conceito de que Deus (ou deuses?) seja uma espécie de divindade benevolente que contempla com paciência e tolerância os afazeres humanos sem muita interferência, a não ser para ajudar os necessitados, especialmente seus protegidos e devotos. Essa concepção de Deus não exige mais do que simplesmente um vago código de ética, geralmente baseado no que cada um acha que é certo ou errado diante desse Deus.

6. DEFINIÇÃO DE ÉTICA CRISTÃ

“Ciência que trata das origens, princípios e práticas do que é certo e do que é errado, à luz das Santas Escrituras, em adição à luz da razão da natureza.”

(L.S. Keyser)

“Um estudo sistemático do modo de viver exemplificado e ensinado por Jesus, aplicado aos múltiplos problemas e decisões da existência humana.”

(Georgia Harkness)

“Explicação sistemática do exemplo e ensino morais de Jesus aplicados à vida total do indivíduo na sociedade, e realizados com o auxílio do Espírito Santo.”

(H. H. Barnette)

“A ciência da conduta humana, determinada pela conduta divina.”

(Emil Brunner)

7. A ÉTICA CRISTÃ

Á ética cristã é o sistema de valores morais associado ao Cristianismo histórico e que retira dele a sustentação teológica e filosófica de seus preceitos.

A ética cristã é o conjunto de valores morais que encontramos unicamente na Bíblia, é por esse manual que todos nós devemos regular a nossa conduta nesse mundo, diante de Deus, de todos os semelhantes e de nós mesmos. A Bíblia não é um conjunto de regras para que o homem possa chegar a Deus, mas é a norma de conduta pela qual poderá agradar ao Deus que já entregou a sua vida pelo ser humano; é,

de certa forma, uma maneira de agradar ao nosso próximo, criando assim uma sociedade amplamente ética para todas as culturas.

Como as demais éticas já mencionadas acima, a ética cristã opera a partir de diversos pressupostos e conceitos que acredita estão revelados nas Escrituras Sagradas pelo único Deus verdadeiro. São estes:

- 1) A existência de um único Deus verdadeiro, criador dos céus e da terra. A ética cristã parte do conceito de que o Deus que se revela nas Escrituras Sagradas é o único Deus verdadeiro e que, sendo o criador do mundo e da humanidade, deve ser reconhecido e crido como tal e a sua vontade respeitada e obedecida.
- 2) A humanidade está num estado decaído, diferente daquele em que foi criada. A ética cristã leva em conta, na sistematização e sintetização dos deveres morais e práticos das pessoas, que as mesmas são incapazes por si próprias de reconhecer a vontade de Deus e muito menos de obedecê-la. Isso se deve ao fato de que a humanidade vive hoje em estado de afastamento de Deus, provocado inicialmente pela desobediência do primeiro casal. A ética cristã não tem ilusões utópicas acerca da “bondade inerente” de cada pessoa ou da intuição moral positiva de cada uma para decidir por si própria o que é certo e o que é errado. Cegada pelo pecado, a humanidade caminha sem rumo moral, cada um fazendo o que bem parece aos seus olhos. As normas propostas pela ética cristã pressupõem a regeneração espiritual do homem e a assistência do Espírito Santo, para que o mesmo venha a conduzir-se eticamente diante do Criador.
- 3) O homem não é moralmente neutro, mas inclinado a tomar decisões contrárias a Deus, ao próximo. Esse pressuposto é uma implicação inevitável do anterior. As pessoas, no estado natural em que se encontram (em contraste ao estado de regeneração) são movidas intuitivamente, acima de tudo, pela cobiça e pelo egoísmo, seguindo muito naturalmente (e inconscientemente) sistemas de valores descritos acima como humanísticos ou naturalísticos. Por si sós, as pessoas são incapazes de seguir até mesmo os padrões que escolhem para si, violando diariamente os próprios princípios de conduta que consideram corretos.
- 4) Deus revelou-se à humanidade. Essa pressuposição é fundamental para a ética cristã, pois é dessa revelação que ela tira seus conceitos acerca do mundo, da humanidade e especialmente do que é certo e do que é errado. A ética cristã reconhece que Deus se revela como Criador através da sua imagem em nós. Cada pessoa traz, como criatura de Deus, resquícios dessa imagem, agora deformada pelo egoísmo e desejos de autonomia e independência de Deus. A consciência das pessoas, embora freqüentemente ignorada e suprimida, reflete por vezes lampejos dos valores divinos. Deus também se revela através das coisas criadas. O mundo que nos cerca é um testemunho vivo da divindade, poder e sabedoria de Deus, muito mais do que o resultado de milhões de anos de evolução cega. Entretanto é através de sua revelação especial nas Escrituras

que Deus nos faz saber acerca de si próprio, de nós mesmos (pois é nosso Criador), do mundo que nos cerca, dos seus planos a nosso respeito e da maneira como deveríamos nos portar no mundo que criou.

Assim, muito embora a ética cristã se utilize do bom senso comum às pessoas, depende primariamente das Escrituras na elaboração dos padrões morais e espirituais que devem reger nossa conduta neste mundo. Ela considera que a Bíblia traz todo o conhecimento de que precisamos para servir a Deus de forma agradável e para vivermos alegres e satisfeitos no mundo presente. Mesmo não sendo uma revelação exaustiva de Deus e do reino celestial, a Escritura, entretanto, é suficiente naquilo que nos informa a esse respeito. Evidentemente não encontraremos nas Escrituras indicações diretas sobre problemas tipicamente modernos como a eutanásia, a AIDS, clonagem de seres humanos ou questões relacionadas com a bioética. Entretanto, ali encontraremos os princípios teóricos que regem diferentes áreas da vida humana. É na interação com esses princípios e com os problemas de cada geração, que a ética cristã atualiza-se e contextualiza-se, sem jamais abandonar os valores permanentes e transcendentais revelados nas Escrituras.

É precisamente por basear-se na revelação que o Criador nos deu que a ética cristã estende-se a todas as dimensões da realidade. Ela pronuncia-se sobre questões individuais, religiosas, sociais, políticas, ecológicas e econômicas. Desde que Deus exerce sua autoridade sobre todas as dimensões da existência humana, suas demandas nos alcançam onde nos acharmos – inclusive e principalmente no ambiente de trabalho, onde exercemos o mandato divino de explorarmos o mundo criado e ganharmos o nosso pão.

É nas Escrituras Sagradas, portanto, que encontramos o padrão moral revelado por Deus. Os Dez Mandamentos e o Sermão do Monte proferido por Jesus são os exemplos mais conhecidos. Entretanto, mais do que simplesmente um livro de regras morais, as Escrituras são para os cristãos a revelação do que Deus fez para que o homem pudesse vir a conhecê-lo, amá-lo e alegremente obedecê-lo. A mensagem das Escrituras é fundamentalmente de reconciliação com Deus mediante Jesus Cristo. A ética cristã fundamenta-se na obra realizada de Cristo e é uma expressão de gratidão, muito mais do que um esforço para merecer as benesses divinas.

Por que “estudar” Ética Cristã? Porque todos nós, como cristãos, somos indivíduos dentro de uma sociedade majoritariamente não cristã. Os valores cristãos que seguimos devem encontrar correspondência na sociedade em que vivemos. Como se dá isso é a tarefa da Ética Cristã propor. Na verdade poderíamos dizer que não se “estuda” ética, mas se concebe e se vive um tipo de ética.

8. O TESTE DE MASTON

Todos nós enfrentamos a questão: “isso é certo ou errado?” Para tratar desta questão, T. B. Maston nos sugere um teste inicial com três ênfases:

- 1) **O Teste do Segredo.** Em relação a um pensamento ou fato, você: gostaria que algumas pessoas não soubessem? Ficaria envergonhado se sua mãe, filho, esposo(a), igreja soubessem? Se você tem dúvidas ou certeza quanto ao fato de não querer que alguém saiba, não seria melhor você considerar a conveniência da sua participação naquele fato segredo seu? Não pode haver nenhuma explicação convincente para se esconder o certo, ou se temer revelá-lo (ler João 3:20,21). O teste do segredo é, pois, este: há segredos embaraçosos em sua vida? Haveria muitos problemas em ver tal segredo projetado numa tela para todos os seus colegas de trabalho, escola ou irmãos da igreja verem? Naturalmente o teste do segredo não é sinônimo de falta de bom senso. Há situações que são de foro íntimo, honestas, mas sem qualquer necessidade de exposição.
- 2) **O Teste da Universalidade.** Pense em um ato hipotético e responda: seria bom se todas as outras pessoas agissem igual a você? Aquilo seria bom para o seu pai, mãe, esposo, pastor? Se você visse alguém praticando aquele ato, você sentiria menos respeito por aquela pessoa? Fazendo uma aplicação geral, poder-se-ia ainda indagar: que espécie de igreja, família, comunidade ou mundo nós teríamos se a norma geral fosse aquela sua? Pergunte-se: “que espécie de igreja seria a minha se todos os membros tivessem os meus padrões?”
- 3) **O Teste da Oração.** O cristão deve indagar-se sobre os seus atos: “posso pedir para Deus andar comigo nisto?” “Posso pedir que ele me abençoe enquanto faço isso?” O teste da oração revela a capacidade que temos de falar com Deus sobre determinados assuntos.

Assim, a Ética Cristã procura determinar os princípios para o crente em Jesus Cristo que devem motivar a sua postura e comportamentos em nível individual e em nível coletivo. A base, para tanto, é a Bíblia. Entretanto, enquanto que as Escrituras mostram os princípios de Deus para o homem a partir de uma cultura - em particular e essencialmente, a cultura hebraica - o desenvolvimento do cristianismo encontrou outras culturas, outros valores, outras perspectivas em seu desenvolvimento. A igreja cristã deparou-se com os valores da cultura greco-romana e teve que exercitar as suas convicções naquela cultura. É tarefa nossa conciliar os princípios divinos, eternos e perfeitos, com os valores que nos são impostos, nem sempre de acordo com os de Deus, temporários e imperfeitos. De modo que na sociedade moderna o cristão vê-se obrigado a assumir posturas que sejam inteligíveis e coerentes com os princípios de Deus. É a esta postura em relação a nós mesmos e ao mundo em que vivemos que chamamos de Ética Cristã.

O propósito desses estudos fica, pois, definido: mostrar as opções mais adequadas a partir do referencial bíblico para as questões modernas que geram controvérsias ou descaso, tais como: a pobreza, o aborto, o controle de natalidade, a política e outros temas afins. É evidente a exclusão dos aspectos históricos e filosóficos da ética em si, para dar espaço imediato às questões contemporâneas. A opção pelos temas aqui tratados reflete mais o interesse da comunidade de fé onde estou inserido do

que os meus próprios interesses. Todavia, é bem possível que tais temas também encontrem espaço entre os evangélicos brasileiros em geral, pois são situações cotidianas.

9. A BÍBLIA FALA SOBRE ÉTICA?

Sim. O mais antigo código de ética que conhecemos é a listagem dos 10 mandamentos. Ali se encontram as diretrizes que deveriam fundamentar o relacionamento do povo com Deus, o relacionamento de hebreu com hebreu e o relacionamento com os estrangeiros. Esse código de ética é exposto em seu real sentido no Novo Testamento.

Os seus principais usos no Novo Testamento são:

- a) Costume, hábito (cf. Lucas 1:9; 2:42; 22:39; João 19:40; Atos 25:16; 28:17; Hebreus 10:25)
- b) Lei, norma (cf. Atos 6:14; 15:1; 16:21; 21:21)

Analisemos mais de perto o item b acima, a ética entendida como Lei, Norma.

- 1) Estêvão é acusado de quebrar a ética vigente, e por isso deveria ser punido: “Este homem não cessa de proferir palavras hostis contra o Lugar santo e contra a Lei; de fato nós o ouvimos dizer que esse Jesus, o Nazoreu, destruiria este lugar e mudaria as normas que Moisés nos transmitiu” (Atos 6:14-15);
- 2) A ética segundo a Lei de Moisés era o padrão requerido pelos judaizantes junto aos novos convertidos, razão de conflito com a mensagem de Paulo (Atos 15:1; 21:21);
- 3) Não apenas os judeus se sentiam ameaçados com a pregação da nova ética cristã. Os romanos assim também argumentavam: “Esses homens lançam a perturbação em nossa cidade: são judeus e preconizam normas de comportamento que não é permitido a nós, romanos, nem admitir nem seguir” (Atos 16:20-21).

Portanto, o que se configura é que a mensagem neotestamentária estabelece normas comportamentais ideais, mais de acordo com o verdadeiro espírito da Lei de Moisés. A questão que se nos apresenta é como esse novo padrão cristão, que já desde o início provocara polêmica com os judeus e romanos, deve ser exercitado por nós cristão modernos.

10. A NECESSIDADE DE UMA ÉTICA CRISTÃ COMO CARACTERÍSTICA PESSOAL

O caráter cristão só pode ser formado e desenvolvido se tivermos a mente de Cristo (1 Coríntios 2:16). Paulo é enfático ao afirmar que o crente não tem o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus (1 Coríntios 6:12).

Há dois vocábulos para a palavra mente:

- 1) νοῦς (nous), conforme 1 Coríntios 2:16 (cf. também, dentre outros, Lucas 24:45; Romanos 7:23-25; 11:34; 12:2; Efésios 4:23). Trata-se do entendimento, da compreensão. O ensino de Paulo é que tal entendimento humano deve ser na perspectiva de Cristo – e não dos homens!
- 2) νοῦμα (noéma), conforme 2 Coríntios 3:14; 4:4; 10:5; 11:3 e Filipenses 4:7. Trata-se dos sentidos, das percepções ou intenções que temos. Por exemplo, Paulo afirma que o deus deste século cegou os entendimentos (nóema) dos incrédulos (2 Coríntios 4:4), razão pela qual eles não tinham condições de ver a luz do evangelho da glória de Cristo.

Um texto bem conhecido, mas pouco compreendido, fala exatamente da necessidade de termos uma mente transformada. Transformação implica necessariamente em movimento. Quando Paulo falou “... e não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Romanos 12:2), o apelo é que a nossa mente, o nosso entendimento, não deve mais ficar nem a mercê do mundo, nem à nossa mercê, mas segundo a mente de Cristo.

Para desenvolvermos essa “mente” de Cristo é necessário que conheçamos o que Cristo fez, como fez e por que fez. Imagine-se aprendendo um novo idioma:

- a) é necessário ouvir;
- b) ouvir bem e repetir de forma audível;
- c) falar para alguém para testar a clareza daquilo que você aprendeu.

De forma análoga, para se ter a mente de Cristo é necessário:

- a) ter sensibilidade para sentir como Cristo sentiu;
- b) repetir para si mesmo quais são os padrões que Cristo deseja que tenhamos;
- c) agir com o próximo de acordo com os padrões aprendidos (passar do teórico para o prático).

O Sermão do Monte (Mateus 5-7) é um manual de instruções para o desenvolvimento de posturas éticas segundo a mente de Cristo.

11. A NECESSIDADE DE UMA ÉTICA CRISTÃ NOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

Este tópico se refere à parte prática da ética cristã. Quando nos relacionamos com o próximo, que postura a mente de Cristo exige que tenhamos?

Paulo foi enfático ao afirmar que, nos relacionamentos interpessoais, o cristão não deve pensar a respeito de si mesmo além do que convém (Romanos 12:3). Este é o primeiro passo: eu devo me relacionar com o próximo sem que haja em mim qualquer sentimento de superioridade. Assim sendo,

a minha sensibilidade de julgamento sobre o que é certo ou errado no próximo estará submissa à consideração sobre a minha própria pessoa.

O segundo passo é que há uma imperiosa necessidade de associarmos opinião pessoal com opinião alheia. Os fortes devem respeitar os fracos (Romanos 15:1), com o devido cuidado de não pormos tropeço ou escândalo aos nossos irmãos (Romanos 14:13). Ou seja, ainda que o nosso “eu acho” seja aceitável, nem sempre ele convém (1 Coríntios 6:12; 10:23).

Temos opiniões diferentes sobre muitos temas. Ao contrário do que muitos pensam, essa pluralidade tende a ser mais benéfica do que negativa. Porém, quando há impasse, quem deve prevalecer? A solução proposta por Paulo é simples: seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração (Col 3:15). Literalmente, o verso afirma a paz de Cristo arbitre em vossos corações. O verbo arbitrar, do grego βραβεύω (gr. brabéuo) é raro no Novo Testamento (somente essa ocorrência). É de onde provém a nossa palavra brabo/bravo. O juiz era encarado como uma pessoa austera, brava. Talvez Paulo estivesse fazendo um jogo de palavras, pois ele reivindica a paz de Cristo – alguns textos trazem a paz de Deus (e não a ira de Deus) como a responsável por dominar os sentimentos. O bravo dá lugar ao pacífico. Muitas das nossas opiniões antagônicas (muito de nossa ética) seriam resolvidas simplesmente pela observação e promoção da paz de Cristo.

12. A NECESSIDADE DE UMA ÉTICA CRISTÃ NOS RELACIONAMENTOS SECULARES

É freqüente nos depararmos com situações sociais onde a consciência cristã (a mente de Cristo) nos inquire se aquilo está correto ou não e, naturalmente, qual deve ser a nossa opinião e atitude diante de situações controversas.

Opinião. Entendemos que o cristão deve coletar o máximo possível de informações a respeito de um tema e passá-las pelo crivo do segredo, da universalidade e da oração (vide acima). Por exemplo, para respondermos sobre “o que você acha sobre o aborto?”, um bom procedimento é conferirmos um conjunto de informações sobre o tema que nos permita uma opinião mais adequada. Há muitos “eu acho” no nosso meio, oriundos de informações precárias sobre o tema em pauta e, especialmente, sem que uma mentalidade cristã os norteie. A opinião pessoal é bem enfatizada por Paulo: “Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em sua própria mente... assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus” (Romanos 14:5-12).

Uma opinião deve levar a ação. Não importa quão razoável possa ser uma idéia – se ela não implicar em ação torna-se idéia morta, inútil. Observemos dois exemplos:

- 1) Uma rápida análise no que a imprensa fala, escreve e mostra, nos daria a certeza: é a imprensa quem possui a solução e os mecanismos para um bom governo. Na inquirição de Rubem Amorese,

um apanhado das observações do Boris Casoy, uma amostra apenas dos últimos seis meses, seriam suficientes para canonizá-lo. Será que ele é tão bom quanto suas opiniões?

- 2) O segundo exemplo pode ser visto no âmbito do discurso político partidário. A rigor, não há idéias anti-éticas. Na análise enquanto discurso, as idéias são na verdade um primor de ética. O contra-senso se evidencia é na descontinuidade opinião e atitude.

Pois o que se requer da Igreja não é somente uma apresentação de um manual de ética para os seus membros e para a sociedade. A postura da Igreja deve revelar opinião e atitude. Não é porque o Estado, a TV, as personalidades formadoras de opinião acham algo sobre um tema que os cristãos assim também devam achar. A pregação, o ensino e a atitude da Igreja devem ser reflexos de sua cristounous (mente de Cristo).

13. UM GRANDE DESAFIO ÉTICO: A CULTURA DO POLITICAMENTE CORRETO

“Politicamente correto” é a expressão usada, especialmente a partir dos anos 80, para evidenciar positivamente a postura de uma pessoa ou grupo diante de um fato ou situação anteriormente aceita, mas negativa. Por exemplo, aceitava-se sem maiores constrangimentos que um inflamado pregador cristão taxasse uma seita mediante adjetivos pejorativos. Hoje, pode-se até falar mal, mas convém que o linguajar seja o mais polido possível. Senão, seremos passíveis de processo.

Conquanto o politicamente correto traga efetivos benefícios para as relações interpessoais e mais gerais, há problemas com essa postura quando ela se faz acompanhar de descaracterização evangélica (ou descaracterização cristã). A cultura do politicamente correto chegou à Igreja cristã nas áreas mais sensíveis possível: na doutrina, na ética, na profecia. Interessa-nos, aqui, uma breve abordagem na esfera da ética.

Na ética, o politicamente correto tem ditado as normas. O politicamente correto se encarregou de forjar o aparecimento do crente dúbio. Esse tal possui uma postura diante de Deus e outra postura diante dos homens. São duas pessoas distintas. Uma fala da outra na terceira pessoa. Dois exemplos nos ajudam nessa compreensão:

- 1) O então ministro Dilson Funaro e o seu plano de inflação zero nos anos 80, começou a confiscar gado que estava sendo escondido, devido o congelamento dos preços. Numa dessas missões de confisco, os fiscais descobriram que o Secretário de Agricultura do Estado de Alagoas era um dos que estavam escondendo gado, vendendo-o no mercado negro. Diante das câmeras de televisão, o secretário foi taxativo: “Não é o secretário quem está escondendo o gado, mas o empresário”!
- 2) Questionado sobre a sua fé, o Sr. Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé, também foi taxativo: “o Pelé não tem religião. O Edson tem, mas isso é algo privado”.

Ratificamos então: em nosso atual estágio cultural é possível termos duas posturas: uma postura social e outra postura privada. O problema é que essa dubiedade acompanha o convertido à Igreja. Não raro encontramos membros de igrejas com talentos e dons sendo exercidos na comunidade de fé, ao mesmo tempo em que tais pessoas são verdadeiros diabinhos dentro de casa. Observava um amigo que, a fim de agradar a todos, devemos ter quatro posturas: a ética que verdadeiramente temos, a ética que pensamos que temos, a ética que gostaríamos de ter e a ética que os outros pensam que temos. O nosso jogo de cintura diante das intempéries físicas ou espirituais é, de fato, fantástico.

14. CONCLUSÃO

O cristão, como sal da terra e luz do mundo, tem dificuldade em se movimentar num mundo em que os valores morais estão invertidos”. Entretanto, tem a vantagem de não adotar como referencial ético o comportamento da sociedade sem Deus.

Enquanto os referenciais do mundo são move-diços, instáveis e mutantes, ao sabor do tempo e do lugar, o guia infalível do crente em Jesus é a **Palavra de Deus**, que é lâmpada para os pés e luz para o caminho. Assim, o crente fiel não só deve fazer diferença, mas seu comportamento deve ser referencial para a sociedade. É grande a responsabilidade, perante Deus, a igreja e o mundo.

A ética cristã, em resumo, é o conjunto de valores morais total e unicamente baseado nas Escrituras Sagradas, pelo qual o homem deve regular sua conduta neste mundo, diante de Deus, do próximo e de si mesmo. Não é um conjunto de regras pelas quais os homens poderão chegar a Deus – mas é a norma de conduta pela qual poderá agradar a Deus que já o redimiu. Por ser baseada na revelação divina, acredita em valores morais absolutos, que são à vontade de Deus para todos os homens, de todas as culturas e em todas as épocas.

“E tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis.” (Colossenses 3:23-24)

15. QUESTIONÁRIO INTROSPECTIVO SOBRE ÉTICA CRISTÃ

Questões para prestação de contas.

- 1) Você tem separado tempo para meditar nas Escrituras e orar diariamente?
- 2) Você tem tido qualquer cobiça ou flertes, tentações na sua mente, ou se exposto a qualquer material explícito que não venha a glorificar a Deus?
- 3) Você tem recebido aprovação completa do Senhor e dos homens em seus negócios?
- 4) Você tem separado tempo de qualidade para seu relacionamento com sua família e amigos?
- 5) Você tem compartilhado o Evangelho com não-crentes nesta semana?

- 6) Você tem dito qualquer meia-verdade ou mentiras “brancas” que colocam você numa posição melhor perante aqueles que estão à sua volta?
- 7) Você tem se permitido a conversações não íntegras, depreciativas, fofoqueiras ou a palavras agressivas?
- 8) Você tem cuidado de seu corpo através de exercícios físicos diários e boa alimentação como também com boas horas de sono?
- 9) Você tem permitido que alguém ou alguma circunstância tire sua alegria interior?
- 10) Você mentiu em alguma de suas respostas hoje?

BIBLIOGRAFIA

GEISLER, Norman L.. *Ética cristã: alternativas e questões contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2008. 232 p.

HOLMES, Arthur. *Ética, as decisões morais à luz da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. 160 p.

KEELING, Michael. *Fundamentos da ética cristã*. São Paulo: Aste, 2008. 224 p.

PALLISTER, Alan. *Ética cristã hoje*. São Paulo: SHEDD, 2008. 280 p.

REIFLER, Hans Ulrich. *A ética dos dez mandamentos: um modelo de ética para os nossos dias*. São Paulo: Vida Nova, 2008. 248 p.